

Diana

A criança lembrava um ouriço — cabelo rijo, escuro, eriçado, nariz esticado, curioso, estreitinho na ponta, e com o feitio engraçado de criatura independente, sempre a farejar, sempre inacessível a um carinho, a um simples toque, para não falar já do beijo materno. Aliás, a mãe dele, pelos vistos, também era da raça erinácea: não tocava no filho, nem sequer lhe estendia a mão na vereda abrupta quando subiam da praia para casa. Trepava sozinho, à frente, e a mãe, atrás, dava-lhe a liberdade de se agarrar aos tufos de ervas, de içar o corpo e depois escorregar, de se atirar de novo à subida, cortando caminho até casa e recusando a curva suave da estrada por onde iam todos os veraneantes normais. O miúdo ainda não fizera três anos mas já tinha um carácter tão definido e tão independente que a própria mãe chegava a esquecer-se de que era quase um bebé e tratava-o como a um adulto, contava com a sua ajuda e protecção; só depois caía em si, pegava no pequeno, fazia-o saltitar no colo — «Pula, pula cavalinho, pula, pula cavalão» —, e ele ria-se todo, caindo-lhe entre os joelhos, no regaço da saia...

— Sachka lasca! — brincava a mãe.

— Génhia pénhia! — respondia alegremente.

Viveram assim uma semana inteira, sozinhos no quarto mais pequeno de uma casa grande, uma vez que os outros quartos, cuidadosamente arrumados e preparados, esperavam os respectivos inquilinos. Era nos meados de Maio, início da época balnear, o tempo estava fresco, ainda não dava para tomar banho mas, em compensação, a folhagem das plantas meridionais não endurecera nem perdera o viço, e as manhãs eram tão claras e limpas que Génia, desde o primeiro dia em que acordou ali, por acaso à hora do alvorecer, nunca mais perdeu

nenhum nascer do sol, um espectáculo diário que ela nem suspeitava que existisse. Viviam tão maravilhados, com tanta paz, que Génia acabou por duvidar dos diagnósticos dos especialistas em psiquiatria infantil a propósito do seu arrebatado e explosivo filho. O rapaz não fazia birras, não entrava em histeria, até se poderia qualificar de obediente se Génia, de uma maneira geral, tivesse a noção exacta do que significava «obediência»...

Na segunda semana, à hora do almoço, parou um táxi ao pé da casa e despejou uma chusma de gente: primeiro o motorista, que tirou da bagageira um bizarro engenho de ferro para utilização desconhecida; depois uma grande e linda senhora de juba leonina e ruiva; depois uma velhota toda torta que foi imediatamente enfiada no engenho já montado; depois um garoto um pouco mais velho do que Sachka e, finalmente, a própria senhoria da casa, Dora Surénovna, com a maquilhagem de gala e azafamada até mais não...

A casa situava-se no declive da colina, de través em relação a tudo, passando-lhe a estrada por baixo, por cima um caminho de terra e intransitável, e ainda uma vereda ao lado, o caminho mais curto para a praia... O quintal, porém, era uma maravilha de organização: ao centro uma mesa grande rodeada de árvores de fruto, e duas construções, frente a frente, e também a cabina do chuveiro, a casa de banho e uma barraca — tudo disposto em círculo como um cenário teatral. Génia e Sachka estavam sentados numa ponta da mesa a comer massa e, quando toda a companhia irrompeu no redondo quintal, perderam o apetite.

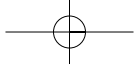
— Olá, olá! — A ruiva largou a mala e o saco e deixou-se cair no banco. — Nunca os vi por cá!

E assim, num instante, tudo foi posto no devido lugar: a ruiva era de «cá», reclamava a primazia; Génia e Sachka eram os novos, logo secundários.

— É a primeira vez que vimos cá — disse Génia numa espécie de desculpa.

— Há uma primeira vez para tudo — respondeu filosoficamente a ruiva, e passou para o quarto grande, o que tinha o terraço, aquele mesmo que Génia gostaria de ocupar, mas tinha recebido um não resolutivo da senhoria.

O motorista levou para dentro a velhota na sua gaiola. A velhota chilreava tibiamente qualquer coisa, numa língua estrangeira, como pareceu a Génia.



Sachka abandonou a mesa e foi-se, com ar importante e independente. Génia levantou a mesa, levou os pratos para a cozinha; o convívio era inevitável. O aparecimento da ruiva mudara por completo a paisagem do Verão.

O rapazinho loiro, de nariz muito arrebitado e crânio incrivelmente estreito, dirigiu-se à ruiva num já indubitável inglês, mas Génia não percebeu as palavras. A mãezinha ruiva, porém, retorquiu-lhe com nitidez: «Shut up, Donald».

Génia nunca tinha visto ingleses. Agora ali estavam a ruiva e a família, os mais verdadeiros dos ingleses.

O conhecimento a sério foi feito apenas à noite, a uma hora tardia — pelas noções do sul —, quando as crianças já estavam deitadas, a loiça do jantar lavada, e Génia, tendo lançado o lenço sobre o candeeiro da mesa para que a luz não batesse nos olhos do Sachka adormecido, lia *Anna Karénina*, com o objectivo de comparar alguns acontecimentos da sua própria vida conjugal em vias de degradação com o verdadeiro drama da verdadeira mulher — a dos caracolinhos sobre o pescoço alvo, dos ombros femininos, dos folhos do penteador e da sacola vermelha feita à mão nos dedos brancos...

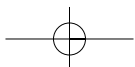
Génia nunca se atreveria a entrar no terraço iluminado da nova vizinha, mas esta tomou a iniciativa de lhe bater na janela com as unhas fortes e envernizadas, e Génia lá foi, já de pijama e com uma camisola quente por cima — de noite fazia frio.

— Quando passava pelo «supermercado do partido», o que é que achas que eu fiz? — perguntou a ruiva com severidade. Génia, apavorada, calava-se, não lhe passava pela cabeça nada de espirituoso. — Comprei duas garrafas de «Crimeia», foi isso que eu fiz. Se calhar não gostas do Portwein, se calhar preferes o Xerez, hã? Vamos!

E Génia, largando *Anna Karénina*, foi, como que hipnotizada, atrás daquela mulher luxuosa, agasalhada numa espécie de poncho, ou então era uma manta, felpuda, axadrezada, verde e vermelha...

O terraço era um caos. A mala e o saco tinham sido desfeitos, e era incrível a quantidade de trapos alegres, multicores que cabiam lá dentro — amontoava-se roupa nas três cadeiras, na cama desdobrável e em metade da mesa. Na cadeira desdobrável estava sentada a mãezinha, com a carita esbranquiçada um tanto torcida e um sorriso obsequioso esquecido nos lábios.

A ruiva, sem tirar o cigarro da boca, encheu três copos com Portwein — no último, que meteu nas mãos da mãe, verteu um pouco menos.



— Podes tratar a mãezinha por Susan Iakovlevna, ou então de maneira nenhuma. Não compreende uma sílaba de russo, antes da trombose ainda percebia um bocadinho, depois esqueceu tudo. O inglês também. Só se lembra do holandês, a língua da sua infância. É o nosso anjo, mas um anjo completamente desmiolado. Bebe, *granny* Susie, bebe...

Com um movimento carinhoso, a ruiva meteu-lhe o copo nas mãos e a velha agarrou-o. Com afinco. Dava a impressão de que não esquecerá tudo...

O primeiro serão foi dedicado à biografia da família da ruiva deslumbrante. O anjo desmiolado de origem holandesa tivera uma juventude comunista, unindo o seu destino ao de um súbdito do Reino Unido de sangue irlandês, oficial do Exército Britânico e espião soviético, apanhado, condenado à pena capital, trocado por qualquer coisa equivalente e levado para a pátria mundial do proletariado...

Génia ouvia boquiaberta e nem deu conta de como se embebedou. A velhota ressonava baixinho na cadeira e, a certa altura, descuidou-se com um jorrinho delicado.

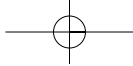
Irene Leary — que nome! — levantou os braços.

— Deixei-me distrair, esqueci-me de a pôr no penico. Bom, já não interessa...

E, durante mais uma hora, iria contar ainda a invejável história da família, e Génia ficava cada vez mais embriagada — já não de Portwein, bebido até à última gota, mas de admiração pela sua nova conhecida.

Já passava das duas da manhã quando se despediram, depois de terem lavado sumariamente e mudado a roupa à Susie que entretanto acordou sem perceber absolutamente nada de nada.

O dia seguinte foi muito atarefado e barulhento: de manhã Génia preparou o pequeno-almoço, serviu a toda a gente papas de aveia e levou ambos os miúdos a passear. O rapaz inglês Donald, que apesar de ter nascido na Rússia tinha uma linhagem também admirável — o seu avô paterno era um espião ainda mais famoso, embora também falhado e trocado por uma preciosidade ainda maior do que o avô materno —, era muito querido: amistoso, bem-educado e assumiu de imediato uma atitude magnânima e condescendente de mais velho para com o mais novo, nervoso e explosivo Sachka, o que fez com que Génia simpatizasse tanto com ele como com a sua mãe ruiva. De resto, Donald era mesmo mais velho, já fizera cinco anos. Revelou logo



de início uma nobreza quase adulta: ofereceu prontamente ao Sachka um carrinho enghoso, mostrou-lhe como se levantava a capota e, quando chegaram ao quiosque da água, onde Sachka costumava fazer a birra e onde Génia lhe comprava uma gasosa num copo de vidro turvo, o garoto de cinco anos afastou com a mão o copo que também lhe ofereciam e disse:

— Bebam. Eu espero.

Um Lorde Fauntleroy, sem tirar nem pôr. Quando Génia voltou para casa, Irene estava à mesa do quintal com Dora e, pelo servilismo da senhoria perante a inquilina, via-se que Irene era tida aqui em alto apreço. Foi servida a todos uma sopa quente de carne de borrego feita pela senhoria, apimentada de mais. O rapaz inglês comia devagar e muito educadamente. Diante de Sachka mantinha-se intacta uma tigela, e Génia já se preparava para mais uma birra do filho, que era muito rigoroso nas suas preferências gastronómicas: comia puré de batata com almôndegas, macarrões e papas de aveia com leite condensado... E mais nada. Nunca...

Sachka, porém, olhou para Lorde Fauntleroy e meteu a colher na sopa... E, pela primeira vez na sua vida, comeu um prato que não fazia parte da sua lista...

Depois do almoço as crianças adormeceram, mas as senhoras não se levantaram da mesa. Dora e Irene recordavam as férias do ano anterior, falavam divertida e comicamente das pessoas conhecidas, contavam histórias antigas de veraneio. Susie estava na sua cadeira, com um sorriso tão imutável e importuno como o sinal castanho que tinha entre o nariz e a boca. Génia ficou um pouco junto delas, tomou uma chávena do bom café de Dora e foi para o seu quarto — deitou-se ao lado de Sachka e pegou no *Anna Karénina*. Mas a leitura, a uma hora tão diurna, era quase inconveniente, por isso pôs de lado o livro gasto e caiu na modorra, imaginando, enlevada no sono, como estaria à noite no terraço com Irene, a sós, sem Dora... bebendo Portwein. Que bom seria... E de repente, como se a ideia lhe caísse de cima, das nuvens, percebeu que já ia no segundo dia — desde que chegara a ruiva Irene — em que nem uma vez se lembrara da sua nojenta porcaria de vida, que ainda era possível chamar de catástrofe: um caranguejo acastanhado-escuro, nodoso, que a sugava por dentro... que vá pr' o diabo, afinal que interesse tem todo esse amor... E mergulhou no fundo do sono...

Quando acordou, estava ainda nas nuvens porque, como não lhe acontecia havia muito, sentiu alegria na alma, e acordou Sachka,

